

Natureza

As aves que vivem nas cidades

Pássaros URBANOS

Se pensa que os pardais, os pombos e as gaivotas são os únicos bichos com penas a viverem nas cidades, desengane-se. Em Lisboa, por exemplo, está referenciada mais de centena e meia de espécies. O biólogo Jorge Nunes revela-nos quem são os nossos vizinhos alados e emplumados.

Há alguns meses, as aves da capital portuguesa voaram para as páginas dos jornais e para os alinhamentos dos telejornais e dos debates televisivos. Embora o tema fosse a plantação de árvores, no âmbito do projeto da Câmara Municipal de Lisboa (CML) para a reformulação da Segunda Circular, acabou-se, invariavelmente, a falar de pássaros e de segurança aérea. Para quem não acompanhou as notícias, vale a pena contar, sucintamente, o sucedido, explicando a relação existente entre os três "A": "árvores", "aves" e "aeronáutica".

Começemos pelas razões que levaram à intenção de reformular a Segunda Circular, olhando para o documento da CML: "Preende-se aumentar a segurança rodoviária, ampliar a capacidade e a fluidez da circulação e melhorar a qualidade ambiental." Isto porque "é a rodovia de Lisboa com maior nível de sinistralidade", "tem fraca fluidez de trânsito", "é o maior gerador de poluição atmosférica da cidade pelas emissões de CO₂ e poeiras em suspensão" e "um dos canais rodoviários mais geradores de ruído". Já se no documento produzido pela edilidade.

No âmbito da melhoria ambiental, o projeto de requalificação sugere a colocação de árvores: "implantação de um separador central com 3,5 metros de largura com árvores e arbustos" e a "plantação maciça de arvoredos nas áreas laterais ao longo de toda a extensão da Segunda Circular, por forma a reduzir o

impacto visual do corredor rodoviário em relação às áreas residenciais adjacentes e contribuir para a captura das emissões de CO₂ e partículas em suspensão". Embora não esteja escrito no documento da CML, sabe-se que as árvores também contribuem para a criação de sombras e para o aumento da biodiversidade, impactos "muito positivos", na opinião das associações ambientalistas que se pronunciaram sobre o tema.

Porém, se há quem olhe com agrado para a ideia de tornar a Segunda Circular mais ecológica, através da plantação de milhares de árvores, também há quem veja aborrecimentos variados, como o surgimento de mais pássaros, que vão aproveitar a mancha verde natural para nidificar (leia-se: aumentar o seu efetivo populacional). Onde está o problema? Existe a possibilidade de as aves colidirem com as aeronaves: "Podem pôr em grave risco a aviação que opere no aeroporto de Lisboa e todos os habitantes da cidade", segundo o Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves, tutelado pelo Ministério do Planeamento e das Infraestruturas.

Todavia, nem a ANA - Aeroportos de Portugal nem a NAV - Navegação Aérea de Portugal colocam problemas de maior à segurança do tráfego aéreo no recém-rebatizado Aeroporto Humberto Delgado. "Se, porventura, vier a constatar-se um aumento dos níveis de avifauna envolventes ao aeroporto, temos de reforçar as medidas de defesa, que, neste

Arborícolas. Muitas aves citadinas, como o chapim-azul (na imagem), dependem de árvores e arbustos como locais de alimentação, refúgio e nidificação, surgindo, aliás, nos parques, jardins e espaços verdes.

Foto: Jorge Nunes

momento, são a utilização de cinco falcões", afirma Jorge Ponce de Leão, presidente da ANA. Os falcões caçam ou espantam as gaivotas e outras aves, diminuindo o risco de acidentes com as aeronaves, nomeadamente ao nível da sucção dos motores, durante as decolagens e as aterragens.

No preciso momento em que escrevemos estas linhas (março de 2016), não se sabe bem qual vai ser o desfecho do intenso debate sobre a reformulação da Segunda Circular. As últimas recomendações, emanadas da Assembleia Municipal de Lisboa, apontam para se manter a instalação de um separador central "que suporte a plantação de árvores, de folha perene e caduca", mas "em termos que salvaguardem a segurança rodoviária e previnam a fixação excessiva de aves que possam constituir risco para o tráfego aéreo". Assim, é chegada a hora de encerrar este assunto e



de olhar com mais pormenor para os pássaros de que tanto se fala: não apenas para aqueles que podem pôr em risco a segurança aeronáutica, mas para todos os que vivem nas cidades, paredes-meias connosco, embora raramente repararmos neles.

AVES ARBORÍCOLAS

Para quem conhece apenas os pombos e as gaivotas, verdadeiras pragas em várias cidades portuguesas, ou os pardais e as andorinhas, geralmente mais tolerados e acarinhados, instala-se a dúvida: afinal, que aves serão atraídas pelas 8000 novas árvores da Segunda Circular? Segundo os especialistas, como Domingos Leitão, da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), "é pouco provável que surjam novas espécies", embora possa acontecer. O que se espera é "um aumento das populações que já habitam os parques e jardins de Lisboa".

Esta também é a opinião de João Branco, presidente da associação ambientalista Quercus: "No que diz respeito às aves, poderá aparecer uma ou outra [nova] espécie, mas no geral ficam as que existem, mas em maior quantidade." Além disso, realça: "Os ecossistemas urbanos ganham sempre com a plantação de árvores."

Segundo o portal Aves de Lisboa (<http://lisboa.avesdeportugal.info>), está confirmada a ocorrência na capital portuguesa de, pelo menos, 134 espécies de aves, podendo o número real ultrapassar a centena e meia, uma vez que existem outros registos, mas não há certeza absoluta de que tenham sido realizados dentro dos limites da cidade. A estas, junta-se ainda uma dezena de espécies exóticas, que já foram observadas em liberdade. Porém, não se pense que a riqueza de avifauna lisboeta é um fenómeno recente: já em 1997 tinha sido publicado pela autarquia o Guia das

Aves de Lisboa, no qual constavam 133 espécies, das quais 35 nidificantes, 65 migradoras e 33 de ocorrência esporádica.

Todos nos apercebemos da existência das aves na nossa volta, mas nem sempre atentamos dos projetos Aves de Portugal e Aves de Lisboa, é perentório: "Lisboa é uma cidade muito rica em aves." No entanto, dado que cada espécie tem as suas preferências quanto ao habitat, "se forem visitadas várias zonas da cidade com diferentes características [parques e jardins, faixa ribeirinha, campos baldios, Parque Florestal de Monsanto, além das áreas edificadas], há mais possibilidades de detetar um maior número de espécies", conclui.

Se é verdade que a grande maioria das aves referenciadas não é arborícola, muitas dependem de árvores e arbustos como locais de alimentação, refúgio e nidificação, surgindo,



Rapinas citadinas. Nos campos baldios, podem ver-se peneiros-vulgares (na imagem) e águias-de-asa-redonda. O peneiro-vulgar nidifica em Lisboa desde 1995, tanto nos respiradouros das fachadas da Torre do Tombo como noutros monumentos históricos e em floreiras e parapeitos dos edifícios.

Quase todos estes animais desempenham papéis úteis

amíde, nos parques, jardins e espaços verdes. As mais fáceis de avistar são, por exemplo, os chapins, chamarizes, cartaxos, piscos-de-peito-ruivo, melros, lavandiscas, verdilhões, pintassilgos, felosas, carriças, toutinegras-de-barrete-preto e trepadeiras-comuns. Uma vez que é impossível referir-nos a todas neste artigo, olharemos apenas para as mais vulgares ou curiosas.

Os chapins, por exemplo, não são todos iguais, existindo quatro espécies em Lisboa, das quais duas são comuns: o chapim-real (*Parus major*) e o chapim-azul (*P. caeruleus*). Ambas apresentam faces brancas, máscaras faciais e colar pretos. O chapim-real distingue-se pelo barrete preto brilhante e pela gravata preta, que se estende da garganta até ao abdómen, sendo mais larga no macho. A restante plumagem do abdómen é amarela, o dorso é cinzento-esverdeado e as asas e a cauda são cinzento-azuladas. O chapim-azul, tal como o seu nome deixa adivinhar, tem o barrete azul. As asas e a cauda são azuis e não possui gravata, sendo a zona ventral amarela. Alimentam-se sobretudo de insetos e aranhas, mas também de sementes e bagas.

Refira-se, como curiosidade, que a excelente capacidade do chapim-real para retirar as larvas dos ninhos da processionária-do-pinheiro o

torna um inimigo natural desta praga, que incomoda muita gente: as lagartas estão recobertas por pelos urticantes que causam alergias na pele, nos olhos e no sistema respiratório.

Entre os passeriformes mais melódiosos, encontram-se o chamariz (*Serinus serinus*) e o pintassilgo (*Carduelis carduelis*). Enquanto o primeiro é um pequeno pássaro de bico curto, com a plumagem riscada, sobressaindo o amarelo na cabeça, no dorso e no peito, mais intenso no macho, o segundo é uma das aves mais coloridas da nossa fauna: ostenta uma máscara vermelha, preta e branca e tem listas amarelas-brilhantes nas asas, que se destacam bem em voo. Ambas as espécies comem, sobretudo, sementes, mas também insetos e aranhas.

Nas áreas florestais e nos pequenos bosques, são ainda habituais galos, rolas-comuns, estorninhos-pretos, estorninhos-malhados, estorninhos-pretos, pombos-torcazes, pica-paus, pegas-rabudas e poupas. Como rapinas noturnas, raramente vistas, mas frequentemente escutadas, destacam-se os mochos-galegos e as corujas-das-torres.

Sem espaço para mais, espreitemos rapidamente o galo (*Coturnix coturnix*), uma vez que é uma espécie discreta, que só costuma

avistar-se quando emite os seus gritos roucos de alerta ou quando cruza os céus, em voos rápidos, saltando à vista a mancha azul iridescente nas asas. Tem o peito e a barriga castanho-rosados, sobressaindo o preto da cauda comprida e das asas, e ostenta uma coroa esbranquiçada que ergue por vezes. Como os restantes corvídeos, tem bico e patas muito fortes e a capacidade de imitar sons, incluindo o canto de outras aves. Uma vez que colhe e esconde bolotas, fazendo provisões para o inverno, é responsável pela dispersão de várias árvores da família dos carvalhos, típicas da vegetação autóctone.

Nos campos baldios, também podem ver-se peneiros-vulgares, águias-de-asa-redonda, fuinhas-dos-juncos, petinhas-dos-prados e garças-boieiras, entre outras. O peneiro-vulgar (*Falco tinnunculus*) é um falcão de tamanho médio, cujo nome lhe advém do hábito de "peneirar": fica imóvel no ar para detetar as presas no solo (geralmente, pequenos roedores e répteis), num bater de asas muito rápido. Nidifica em Lisboa desde 1995, tanto nos respiradouros das fachadas da Torre do Tombo como noutros monumentos históricos e nas floreiras e nos parapeitos dos edifícios. Apresenta uma plumagem castanho-avermelhada com pintas pretas no dorso (daí também ser conhecido como "peneiro-de-dorso-malhado"), mais clara no ventre, sendo que os machos adultos têm uma coloração mais contrastante e apresentam a cabeça e a cauda de cor cinzenta.

Doçuras e agruras

Quando o homem se tornou civilizado, começou a construir cidades e a viver nelas, há cerca de seis mil anos, alguns animais selvagens, como as aves, seguiram-lhe o exemplo. Mesmo quando as urbes deixaram de ser essencialmente horizontais (de pedra, madeira e adobe) e se tornaram gigantesca construções de betão e aço, que crescem incessantemente em direção ao céu, os bichos mantiveram-se por perto, respondendo ao encanto das grandes metrópoles, que, ao contrário do que se poderia pensar, não atraem somente seres humanos.

O que terá levado a bicharada a trocar a tranquilidade dos espaços naturais pela frieza das fachadas e dos recintos públicos citadinos, onde predominam o cimento, o metal e o vidro? Entre as razões mais evidentes, conta-se o fácil acesso à comida, em resultado dos inúmeros desperdícios humanos, como os resíduos orgânicos, que se encontram com facilidade nas áreas urbanas e periurbanas, e a ausência de predadores, que, associada ao excesso de alimentos, faz aumentar o ritmo de procriação,

acabando muitas vezes por originar a sobrepopulação de algumas espécies, como os pombos e as gaivotas. No entanto, há outras razões menos intuitivas, mas igualmente determinantes para a ocupação das cidades, como, por exemplo, as condições climáticas mais acolhedoras: as cidades são "ilhas de calor", apresentando, geralmente, temperaturas mais elevadas do que as áreas circundantes. Além disso, nas urbes os seres humanos são mais tolerantes com os animais selvagens: em vez de os perseguirem, como é habitual no meio natural, acabam por ignorar ou consentir a sua presença, convictos de que a fauna citadina torna as selvas de betão mais ecológicas. Por fim, mas não menos importante, embora não pareça, as cidades oferecem muitos nichos ecológicos e disponibilidade de abrigos, desde casas abandonadas e ruínas até igrejas e cemitérios, telhados, varandas e terraços, árvores isoladas, pequenos bosques, jardins, quintais e hortas, entre outros.

Apesar de muitos animais terem escolhido viver nas cidades, tirando partido de todas as vantagens que os ecossistemas urbanos lhes oferecem, não se pense que levam uma vida tranquila. Afinal, são muitos os perigos que espreitam ao virar de cada esquina, desde a poluição, tanto atmosférica como sonora, até ao risco de atropelamento, com consequências



A vida citadina não é stressante apenas para os humanos. São muitos os perigos que espreitam a avifauna urbana, desde a poluição ao risco de atropelamento (na imagem).

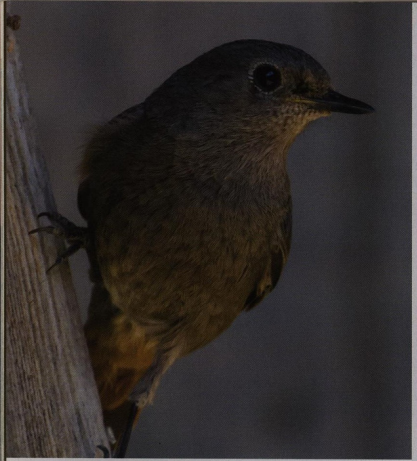
nefastas para bichos e pessoas. De certo modo, os nossos vizinhos selvagens partilham conosco os elevados níveis de stress e hiperatividade que caracterizam a vida citadina, aspetos que em nada contribuem para vidas longas.

Uma coisa é certa: as agruras urbanas não parecem demover a bicharada, que está constantemente a reinventar-se para tirar o melhor partido dos diferentes habitats das nossas urbes, mesmo quando escasseiam os espaços verdes e os refúgios nas edificações modernas. O exemplo mais notório é o dos peneiros: embora estivessem habituados a fazer as suas posturas em rochedos e falésias, rapidamente descobriram que os terraços, varandas e parapeitos dos grandes edifícios são uma excelente alternativa. Indiferentes ao bulício citadino, tornaram-se uma presença habitual nos céus de várias cidades, com destaque para Lisboa e Porto, onde são relativamente comuns.

Por tudo isto, os jardins e os parques públicos citadinos são hoje importantes reservatórios de avifauna e de vida selvagem. Além de embelezarem com a sua presença a frieza arquitetónica das cidades, alguns dos bichos bravos que aí vivem contribuem, com a sua ação polinizadora (como as abelhas e as borboletas), para colorir os espaços verdes. Outros, como os morcegos, os passeriformes, os répteis e os anfíbios, controlam os insetos nocivos e indesejáveis, evitando que se tornem pragas incontroláveis. Outros ainda, como as aves de rapina diurnas e noturnas, livram-nos da presença incómoda de ratos e pombos.

Recorde-se que, na maioria das cidades, os pombos constituem verdadeiras "pragas urbanas", sobretudo quando têm populações excessivas, podendo originar problemas ambientais e de saúde pública. Além da contaminação do ambiente por bactérias e fungos, uma vez que podem transmitir várias doenças aos humanos e aos animais

domésticos, as suas fezes também provocam, habitualmente, danos materiais avultados. Isto porque são ácidas e, além de sujarem os prédios e as ruas, danificam as pinturas e corroem as rochas e superfícies metálicas usadas na construção de edifícios e monumentos. Além disso, provocam o entupimento de calçadas, telhados e condutas de ventilação e contribuem para a proliferação de ratos, baratas e moscas. Se pensarmos que cada pombo produz cerca de 2,5 quilos de fezes por ano, podemos ter uma ideia mais exata da dimensão do problema. As passetas que os pombos fazem ao nível do solo servem, sobretudo, para procurar sustento, que inclui sementes e sobras alimentares humanas, detidas ao lixo ou disponibilizadas intencionalmente por algumas pessoas. Vale a pena lembrar que, apesar de este ainda ser um hábito frequente, a alimentação dos pombos pelos municípios é proibida e punível com coima, em diversas cidades. Isto porque quanto maior for a disponibilidade de alimento maior será a quantidade de pombos e, concomitantemente, de descendentes: cada casal pode ter cinco a seis ninhadas por ano, cada uma com um ou dois filhotes. Assim, um bando de pombos citadinos não controlado pode duplicar de tamanho a cada ano! O problema dos pombos não se aplica às outras aves citadinas, com exceção das gaivotas, pelo que o aumento dos espaços verdes no interior das cidades, como, por exemplo, na Segunda Circular lisboeta, em nada prejudicará a saúde pública. Muito pelo contrário: resultará numa melhoria significativa da qualidade de vida e do bem-estar das populações humanas, com impactos positivos na saúde, na segurança e nas relações sociais e culturais.



Diferenças. Em Portugal, há cinco espécies diferentes de pardal. Em cima, o pardal-montês. À esquerda, o rabirruivo-preto, espécie rupícola (das zonas rochosas) que se adaptou bem ao betão citadino.

ÁRVORES DE BETÃO

O mais curioso, porém, é que, mesmo sem sair das zonas edificadas, densamente povoadas e com escassa vegetação, é possível descobrir algumas aves interessantes, além dos pardais. Sim, leu bem: os pardais são muito mais interessantes do que aquilo que podemos imaginar. Desde logo porque, ao contrário do que muita gente pensa, não são todos iguais, existindo cinco espécies diferentes em Portugal: o pardal-comum (*Passer domesticus*), o pardal-montês (*P. montanus*), o pardal-espanhol (*P. hispaniolensis*), o pardal-francês (*Petronia petronia*) e o raro pardal-das-neves (*Montifringilla nivalis*).

Os pardais mais vulgares nas cidades são o comum e o montês. Os leitores mais curiosos podem entreter-se a distingui-los, durante os seus passeios urbanos. O pardal-comum tem um aspeto robusto e o bico grosso, evidenciando-se pelo babeto preto, a testa e a coroa cinzentas e o dorso acastanhado com marcas escuras (as fêmeas não possuem babeto, exibindo a plumagem acastanhada e uma lista creme desde o olho à nuca). O pardal-montês parece uma versão reduzida do comum, ao qual se associa frequentemente, podendo formar bandos mistos. Distingue-se principalmente pelo barrete totalmente castanho, pela mancha preta na face e pelo babeto preto com menor extensão do que o seu congénere.

Embora os pardais sejam sociáveis e abundantes em ambientes urbanos, parecem estar em declínio acentuado nos meios rurais. A culpa parece ser da diminuição das áreas de agricultura tradicional e do aumento das explorações

▶ Os pardais parecem estar em declínio nos meios rurais

agrícolas intensivas, segundo a revista *Ecology Letters*. Por esta razão, em diversos países, como o Reino Unido, foi-lhe atribuída uma elevada prioridade de conservação.

Outras avas características das zonas citadinas onde dominam as cateiras de betão são, além dos pardais e dos peneiros-vulgares já referidos, os andorinhões, os rabirruivos-pretos, as andorinhas-dos-beirais e as andorinhas-das-chaminés.

Quando aos andorinhões, segundo Gonçalo Elias, nidificam duas espécies em Lisboa: o andorinhão-preto (*Apus apus*), que ocupa preferencialmente as zonas mais modernas da cidade, e o andorinhão-pálido (*A. pallidus*), mais abundante nas zonas antigas da Baixa e do Bairro Alto. Ambos nidificam nos buracos dos edifícios, por vezes sob as telhas ou caleiras. O andorinhão-preto é presença habitual em muitas outras cidades portuguesas, como Viana do Castelo, Porto, Vila Real, Bragança, Coimbra, Leiria, Guarda, Évora e Portalegre. Já o andorinhão-pálido, caracterizado pela sua coloração acastanhada, pode ver-se em Aveiro, Castelo Branco, Setúbal e Faro.

Se olharmos para o nome científico dos andorinhões, descobrimos que o termo "apus" tem origem no grego antigo *apous*, que significa "sem pés". Esta designação deve-se ao facto de terem as patas muito curtas, o que, aliado às asas compridas, os impossibilita de

levantar voo do chão. Assim, estas avas estão condenadas a passar a maior parte da sua vida a voar, sem nunca pousarem no solo: comem, bebem e dormem em voo.

O rabirruivo-preto (*Phoenicurus ochruros*) é uma espécie rupícola (típica das zonas rochosas), que se adaptou bem ao betão citadino. Identifica-se facilmente devido à cor predominantemente escura, contrastando com a cauda ruiva. O macho torna-se quase preto no verão, apesar da mancha branca bem visível nas asas, enquanto a fêmea apresenta uma coloração mais cinzenta e acastanhada. Nidifica em pequenos buracos ou fendas nos muros e alimenta-se de insetos, minhocas e caracóis e, excepcionalmente, de sementes e bagas.

No centro e no sul do país, as cegonhas-brancas tornaram-se um ícone sobre chaminés, torres e campanários. A sua presença faz-se notar, especialmente durante as nupcias, em Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja e Lagos, bem como em muitos outros burgos algarvios e alentejanos: Barrancos, Alcácer do Sal, Mértola...

ESPELHOS DE ÁGUA

Se as cidades tiverem espelhos de água naturalizados, como acontece nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, ou no Parque da Cidade, no Porto, então é fácil encontrar galeirões, galinhas-de-água, patos,

Biodiversidade urbana

As aves não são os únicos animais selvagens nos vizinhos, embora sejam, sem dúvida, aqueles que se observam com maior facilidade. Na verdade, tanto nos jardins e parques como nos pequenos bosques, hortas, quintais, rios, ribeiros e lagos, habitam imensos insetos, aracnídeos, répteis, anfíbios e mamíferos, que surgem de forma permanente ou sazonal, e cuja vizinhança quase sempre ignoramos. A quantidade e variedade de bichos citadinos, tal como acontece nos ambientes naturais, é diretamente proporcional à diversidade de habitats disponíveis em cada área metropolitana. Porém, a vida selvagem nem sempre está ao nível dos olhos, pelo que se torna necessário olhar para o chão para a descobrir.

Quando falamos de insetos, não nos referimos só a melgas, moscas, abelhas e vespas, mas a toda uma multidão fervilhante de artrópodes que habita nas cidades. Estes são de vital importância para a biodiversidade citadina, uma vez que ocupam, geralmente, a base das cadeias alimentares: servem de alimento a muitos dos outros inquilinos citadinos como as aves, os mamíferos, os répteis e os anfíbios.

Nos campos relvados e canteiros floridos, bem como nas áreas arbustivas e arbóreas, os insetos mais vulgares são borboletas, escaravelhos, abelhas, formigas, gafanhotos, grilos, percevejos, bichos-pau, vespas, moscas, cigarras e louva-a-deus, entre outros. Os aracnídeos, que se distinguem facilmente dos insetos por não terem antenas e possuírem quatro pares de patas (os insetos adultos têm, geralmente, um par de antenas e três pares de patas), estão representados por milhares de indivíduos, sendo as espécies mais comuns a aranha-dos-jardins, a aranha-de-cruz e a aranha-caranguejo. Nas proximidades da água (lagos, ribeiros e rios), surgem ainda libelinhas, libélulas e efémeras. Trata-se de um mundo minúsculo que nos passa despercebido, uma verdadeira selva liliputiana na qual não faltam predadores e presas que travam, dialeticamente, ferozes e implacáveis batalhas às portas das nossas casas.

De um modo geral, embora sejam totalmente inofensivos, as pessoas nutrem pelos répteis (cobras e lagartos) e anfíbios (sapos, rãs e salamandras) pouca ou nenhuma simpatia. Indiferentes e essa repugnância secular, eles instalaram-se



O esquilo-vermelho é um mamífero que faz habitualmente as delícias de miúdos e graúdos com os seus saltos acrobáticos nas copas das árvores.

em jardins, quintais, hortas, muros, casas abandonadas e arruinadas, telhados, campos baldios, lagos, charcos e redes hidrográficas, como rios e ribeiros. Enquanto os escamosos preferem sobretudo áreas secas, nas quais mais facilmente se expõem ao Sol para regular a temperatura corporal, os seus primos de pele nua (leia-se: anfíbios), optam, habitualmente, pelos locais mais húmidos e sombrios das cidades. Recorde-se que estes últimos têm uma forte dependência da água, especialmente durante a época de reprodução e a fase larvar.

Entre os répteis urbanos mais comuns, mesmo em áreas densamente povoadas, conta-se a lagartixa, também conhecida por "sardanica". Trata-se de um réptil insetívoro que inclui na sua dieta escaravelhos, formigas e aranhas. Além de servir de alimento aos peneiros e a várias aves de rapina diurnas e noturnas, também faz parte do cardápio de outros répteis que podem encontrar-se nas cidades, como o sardão (um dos mais bonitos, robustos e esquivos lacertídeos da nossa fauna) ou a cobra-de-escada, que apresenta um padrão de coloração dorsal muito característico, com duas linhas escuras longitudinais, fazendo lembrar uma escada.

Outros répteis citadinos são a cobra-rateira, um eficaz predador de ratos e ratonzas, que nos presta um inestimável serviço como "raticida ecológico"; as osgas, que são particularmente abundantes em zonas iluminadas por candeeiros e lâmpoas, onde capturam as suas presas prediletas: mosquitos, moscas e borboletas; a lagartixa-ibérica, que ocorre principalmente no centro e no sul do país; e o camaleão, relativamente comum em diversas povoações algarvias.

Nas zonas mais húmidas, podem ainda encontrar-se cobras-de-água e cigarras (não confundir com as tartarugas da Flórida, uma espécie exótica invasora, indevidamente libertadas nesses locais por pessoas que

se cansaram de as ter como animais de estimação), que apreciam a proximidade da água. Todavia, esses ambientes aquáticos e pantanosos são o lar privilegiado dos anfíbios, como a vulgar rã-verde, o sapo-comum, a salamandra-de-pintas-amaras e os sapos-parieiros-comuns. Ao contrário do que acontece em muitas urbes europeias, por cá, não há registo de veados, javalis, texugos ou lobos a viver em estado selvagem nas cidades portuguesas. Ocasionalmente, porém, podem ocorrer, especialmente em zonas florestais e agrícolas suburbanas, raposas, genéas, fúrnias e toirões, mas não são fáceis de avistar, uma vez que têm hábitos recatados, noturnos ou crepusculares. Apesar de estarem ativos no mesmo período, os mamíferos voadores, como os morcegos, são mais indetectáveis, sobretudo quando evocam em torno dos lâmpões à cata de insetos. O morcego-anão é sem dúvida o mais vulgar nos céus citadinos, embora muitas outras espécies, como o morcego-hortelão, o morcego-arborícola-grande e o morcego-rabudo, também frequentem as áreas urbanas.

Geralmente mais comuns e fáceis de observar costumam ser os pequenos mamíferos insetívoros, como o ourigo-cacheiro, a toupeira e os musaranhos (como o musaranho-comum ou o musaranho-de-dentes-brancos-grande). Igualmente vulgares são os chamados "micromamíferos roedores", que incluem o rato-das-casas, o rato-do-campo e o rato-cego, e os mamíferos herbívoros, como os coelhos. Estes são animais comuns em muitos parques e jardins das cidades portuguesas, desde o Parque da Cidade de Guimarães, passando pelo Parque da Cidade do Porto, até às zonas verdes lisboetas, com destaque para Monsanto, surgindo também em bosques e hortas urbanas e nos terrenos baldios, onde encontram refúgio e abundância de alimento.

Um mamífero frequente em muitas áreas florestais urbanas, que faz habitualmente as delícias de miúdos e graúdos com os seus saltos acrobáticos nas copas das árvores, é o esquilo-vermelho. Este bonito animal, que esteve extinto em Portugal desde o século XVI, tem vindo a recolonizar naturalmente o nosso país, sendo já presença habitual em diversas cidades norte-lisboetas. Mais a sul, foi introduzido no Jardim Botânico de Coimbra e no Parque de Monsanto, em Lisboa.

► As cidades ribeirinhas alojam espécies aquáticas

gaiivotas (na verdade, são muitas e diversificadas as espécies que se “escondem” sob tão lata designação, sendo as mais vulgares o guincho e a gaiivota-de-asa-escura), mergulhões-pequenos, garças-reais, corvos-marinhos e guarda-rios.

Apesar do seu nome, que aponta para cursos de água, o guarda-rios (*Alcedo atthis*) também surge nas proximidades de águas paradas, como os lagos citadinos, onde raramente passa despercebido. Afinal, falamos de uma das mais coloridas e encantadoras aves portuguesas, que pode ser facilmente reconhecida pelo dorso e pelas asas azuis e pelo peito e pelo ventre laranja. Contudo, geralmente, a sua visão resume-se a um clarão azul-turquesa que corta o ar com a rapidez de uma bala. Além da sua beleza, merece referência a sua requintada técnica de pesca e a sua pontaria admirável: após vários minutos de concentração, lança-se, repentinamente, como uma flecha azul sobre a água, e em menos de dois segundos regressa com um peixe a contorcê-lo no bico. Devido a esta peculiar arte de pesca, também é conhecido, conforme a região, como “pica-peixe” e “martim-pescador”.

As cidades ditas “ribeirinhas”, assim chamadas por serem banhadas por rios ou ribeiras, são a larga maioria do nosso país e oferecem outro atrativo ornitológico: as aves aquáticas (além das que surgem habitualmente nos pequenos lagos existentes nos espaços verdes). As que se localizam nas margens dos grandes estuários, como acontece com Caminha, Viana do Castelo, Porto, Aveiro, Lisboa, Setúbal e Faro, constituem mesmo verdadeiros santuários ornitológicos. Entre as aves mais comuns nessas zonas húmidas, contam-se gaiivotas, andorinhas-do-mar, corvos-marinhos, garças-brancas-pequenas, maçaricos-das-rochas, pilritos, ostraceiros e rolas-do-mar. Na zona do Parque das Nações, em Lisboa, surgem também, ocasionalmente, flamingos, colhereiros e várias espécies de patos. No estuário do Douro, observam-se fuselos, gaiivotões-reais, patos-pretos e piscos-de-peito-azul (que, não sendo aves aquáticas, surgem sobretudo nas grandes zonas húmidas do litoral).

Não se pense que os passeios ornitológicos citadinos se fazem apenas de vulgaridades, pois também surgem muitos habitantes inócuos, como é o caso dos falções-peregrinos, avistados frequentemente nas pontes 25 de Abril e Vasco da Gama, em Lisboa; dos milhafres-pretos que nidificam na Mata do Choupal,



Melódico. O pintassigo é um passeriforme colorido: ostenta uma máscara vermelha, preta e branca e tem listas amarelas-brilhantes nas asas, que se destacam bem em voo.

nas proximidades de Coimbra (constituem a maior colónia desta espécie em Portugal, espalhando-se pelo vale do Mondego, sendo presença habitual a sobrevoar a autoestrada A1); das corujas-do-mato, comuns no Parque da Cidade de Guimarães; dos gorazes, também conhecidos por “garças-noturnas”, frequentes em Tomar e em alguns lagos de Lisboa; dos peneiros-das-torres, pequenos e raros falções migradores, que podem encontrar-se nas muralhas e nos velhos edifícios de Castro Verde, Elvas e Mértola; das gralhas-de-nuca-cinzenta, que ocorrem nos centros da Guarda e de Castelo Branco...

Algumas das raridades registadas em Portugal (o registo das espécies raras é homologado pelo Comité de Raridades da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves), que fazem as delícias dos ornitólogos, também têm sido avistadas em áreas urbanas ou periurbanas. É o caso da gaiivota-de-bico-riscado, mencionada em Esposende, Porto e Peniche, do andorinhão-café, avistado em Serpa, Moura e Barrancos, e do ganso-grande-de-testa-branca, observado no estuário do Cávado, em Esposende.

ESPÉCIES EXÓTICAS

Segundo Domingos Leitão, coordenador do Departamento de Conservação Terrestre da SPEA, a plantação de árvores na Segunda Circular pode também levar ao aumento “de espécies exóticas, como o periquito-de-colar, que facilmente se observa no Jardim da Estrela e no Jardim Botânico”. Esta ave, da família dos papagaios, que os cientistas conhecem como *Psittacula krameri*, é oriunda da África e da Ásia, e tonou-se residente devido, provavelmente, a fugas ou a libertação de cativeiro.

A plumagem do periquito-de-colar é quase totalmente verde, tendo as asas e a cauda comprida uma tonalidade verde-azulada. O macho adulto distingue-se pelo babeto e colar escuro no pescoço, enquanto os juvenis têm a cauda mais curta e um tom de verde mais amarelado. Consome sementes, frutos e bagas e nidifica em cavidades em árvores de grande porte. Não se confunde com qualquer outra espécie autóctone e é facilmente identificável, pois voa em bandos muito barulhentos. Este, porém, é apenas um exemplo de aves exóticas que já foram observadas em liberdade na cidade de Lisboa, e nas quais se incluem



Pescador citadino. Apesar do seu nome, que aponta para cursos de água, o guarda-rios também surge nas proximidades de águas paradas, como os lagos citadinos, onde raramente passa despercebido.

o periquito-monge (*Myiopsitta monachus*), o cocatiel (*Nymphicus hollandicus*), o periquito da Guiné (*Poicephalus senegalus*), o periquito-de-cabeça-azul (*Aratinga acuticaudata*), o mainá-indiano (*Acridotheres tristis*), o mainá-de-crista (*A. cristatellus*), o bispo-de-coroa-amarela (*Euplectes afer*) e a viúva-de-manto-amarelo (*E. macrourus*), entre outros.

Terminamos a análise das aves estrangeiras que se radicaram em Lisboa com duas espécies que podem ser facilmente encontradas noutras cidades portuguesas: o bico-de-lacre (*Estrilda astrild*) e a rola-turca (*Streptopelia decaocto*).

O bico-de-lacre é uma pequena ave granívora, oriunda da África subsaariana, que os ornitólogos consideram ter sido a primeira espécie não nativa a estabelecer populações selvagens em Portugal, depois de ter sido introduzido em 1968, na lagoa de Óbidos. Reconhece-se facilmente pelo espesso bico e pela máscara, que se estende para trás dos olhos, ambos pintados de vermelho vivo. O resto da plumagem é dominado pelo castanho nas partes superiores e nas asas e pelos tons avermelhados na região ventral. Deslocam-se habitualmente em bandos e fazem-se notar,

sobretudo, pelo seu peculiar chamamento.

Segundo o Atlas das Aves que Nidificam em Portugal, a rola-turca, originária da Ásia, instalou-se no nosso país em 1974, tendo-se expandido pelo território luso com espantosa rapidez: na atualidade, encontra-se com facilidade do Minho ao Algarve, sendo mais abundante do que a espécie nativa, a rola-brava.

A rola-turca, tal como os seus primos pombos, é uma ave granívora, que consome sementes no solo. Tem a plumagem acastanhada, com cinzento nas asas, e um meio-colar preto com rebordo branco na parte superior do pescoço (por este motivo também é conhecida pelo nome de “rola-de-colar”). Em voo, a cauda mostra uma barra esbranquiçada na parte inferior que é interrompida no centro pelos tons acastanhados da restante plumagem. Nidifica ao longo de todo o ano, em árvores ou em arbustos, e os seus ninhos toscos, constituídos por um aglomerado de pequenos ramos secos, são amídiu ocupados por outras espécies de aves ou mesmo por esquilos-vermelhos.

Segundo Rafael Matias, especialista em aves exóticas, “é sabido que muitas destas espécies são introduzidas diretamente por particulares,

com o intuito de vê-las procriar em liberdade no nosso país, apesar de tal representar uma clara violação da legislação em vigor, para além de evidenciar noções de ecologia e civismo particularmente reprováveis”. Isto porque os “impactos destas espécies na fauna e na flora nativas são potencialmente muito graves”, embora, “em Portugal, sejam em grande medida desconhecidos”.

Falámos sobretudo da capital, mas o que dissemos aplica-se às outras cidades portuguesas, com pequenas nuances, conforme estejamos mais a norte ou a sul, no interior raiano ou à beira do mar. Quer queiramos, quer não, as urbes nunca serão só nossas, pelo que teremos de partilhá-las com os bichos que, tal como muitos de nós, se tornaram cidadãos.

Ditam as regras da boa vizinhança urbana que sejamos cordiais e respeitadores com os proprietários das frações vizinhas, mesmo que sejam seres estranhos, alados e emplumados. Os especialistas são perentórios: nenhum animal livre morará onde não se sentir bem. Portanto, a sua presença à nossa volta devia ser motivo para nos regozijarmos.

J.N.